

Prefácio

Conta-se uma anedota acerca de dois médicos viajando num balão, levados pelo vento através dos campos¹ e desfrutando da magnífica vista a seus pés. Ao fim de algum tempo, verificam que estão completamente perdidos.

Detectam uma pessoa no chão e gritam: “Bom dia! Pode dizer-nos onde estamos, por favor?” A pessoa responde: “Estão 50 metros no ar e dentro de um balão de ar quente.” Um dos médicos vira-se para o outro e afirma: “Esta pessoa deve ser um estatístico.” “Como é que sabe isso?” pergunta com espanto a pessoa no chão. O médico responde: “Só um estatístico é que dá uma resposta que é ao mesmo tempo absolutamente precisa e totalmente inútil!”.

Penso que esta anedota dá bem ideia da maneira como os estatísticos são vistos pelos profissionais de saúde. E o contrário? Bom, se fosse um estatístico a contar esta anedota, o final poderia ser diferente: *“Muito bem” diz o estatístico olhando para os ocupantes do balão, “mas eu aposto que os senhores são médicos!”.* É a vez de os clínicos ficarem espantados com esta intervenção, pedindo justificação para tão correcto diagnóstico...O estatístico responde: *“É fácil adivinhar! Só um médico podia ter uma visão tão boa da paisagem e ao mesmo tempo não ter a menor ideia onde se encontra!”.*

Estaremos de acordo que esta pequena história realça bem as dificuldades potenciais que os médicos têm no que concerne ao conhecimento sobre as bases estatísticas da investigação clínica...

⁽¹⁾ Simon SD. *Statistical evidence in medical trials*. Oxford University Press, 2006.

De facto, a marcada ignorância que a maior parte dos clínicos possui sobre a avaliação crítica dos estudos publicados, assim como sobre a sua metodologia (parte da qual é estatística), faz com que a base de evidência que deveria servir de base à decisão clínica seja pouco compreendida, podendo deste modo atingir a qualidade dos cuidados prestados aos nossos doentes.

As questões clínicas que nos assaltam quotidianamente - e que incidem sobre todos os aspectos da prática (diagnóstico, terapêutico, prognóstico, causalidade, etc.) – podem e devem ser respondidas de maneira rápida e eficiente. Dado que a investigação clínica produz evidência de cada vez de maiores dimensões e com qualidade crescente (os estudos hoje são muito melhores do que há escassos 20 anos), e dado que toda esta informação pode ser facilmente acedida por meios informáticos, então a ignorância já não é uma opção...

Hoje em dia a questão não é se há respostas para as nossas questões, mas sim onde se localizam as respectivas respostas e, quando se encontram, se são boas ou más? Ora para responder a esta questão é necessário ter informação de boa qualidade - daí a necessidade de se conhecerem os detalhes estatísticos da evidência disponível.

É óbvio que não se pretende que cada médico seja um estatístico potencial – longe de mim tal ideia (!) – mas é fundamental que cada um de nós tenha um conhecimento mínimo sobre os aspectos estatísticos dos estudos que lê. Só assim poderemos distinguir o “trigo do joio” da bibliografia biomédica, aplicando os conhecimentos de modo sensato e rigoroso.

Por exemplo, na avaliação crítica de um estudo dever-se-á sempre questionar a validade interna deste (o seu desenho permite responder à questão clínica colocada?), a importância dos seus resultados (a sua dimensão é clinicamente significativa?) e, finalmente, da sua validade externa (podem os resultados serem generalizados para outros doentes?). Nesta abordagem importa ter um conhecimento mínimo da estatística envolvida, de modo a aceitar ou não os resultados reportados. É aqui que começam os problemas, já que a maior parte dos profissionais de saúde tem um verdadeiro horror a esta área (o argumento mais utilizado é que “...não foi para discutir matemática que vim para medicina...!”).

As autoras vêm tentar resolver este problema com a publicação deste Manual de Bioestatística, fornecendo uma informação suficientemente simples para a compreendermos de imediato, e suficientemente completa para podermos ficar informados sobre as principais matérias que temos de dominar nesta área.

Este Manual está muito bem organizado, começando exactamente pelo princípio, com um capítulo intitulado “Por onde começar”. Define de seguida os tipos de estudos clínicos, discute os problemas dos erros estatísticos e apresenta diagramas organizacionais prévios ao início do trabalho. Na segunda parte é apresentado um conjunto muito rico de projectos de investigação e discutidas as abordagens mais indicadas para cada um. A terceira e última parte deste Manual apresenta uma abordagem “hands-on” sobre um conjunto relevante de problemas estatísticos.

O texto está escrito com muito sentido de humor, fazendo com que a leitura seja leve e agradável (o que nesta matéria, convenhamos, não é de somenos...). As figuras são muito apelativas, sustentando com eficácia as informações do texto a que se referem o que, combinadas com as dicas que por todo o lado vão surgindo, permitem uma melhor compreensão dos conceitos e a mais eficaz apreensão dos temas (devo dizer que aprendi várias coisas ao ler o Manual...).

Este é um livro indispensável para pessoas que desejam compreender os detalhes estatísticos dos estudos, ou que desejam realizar estudos novos, sem se perderem em detalhes sobre os métodos estatísticos. Fornece uma informação rica e simultaneamente simples sobre os conceitos, dando exemplos práticos que ajudam a compreender as aplicações da estatística à investigação.

As autoras devem ser congratuladas por terem escrito uma obra clara, útil e relevante para quem queira compreender uma das áreas mais importantes da investigação biomédica.

Prof. Doutor António Vaz Carneiro, MD, PhD, FACP

Director do Centro de Estudos de Medicina Baseada na Evidência
Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa